

## REPRESENTAÇÕES DO VESTIR-SE FEMININO NA CARTA PASTORAL “EXCESSOS DA MODA” DE DOM FRANCISCO DE ASSIS PIRES EM 1940

*José Gerardo Vasconcelos  
Lourdes Rafaella Santos Florencio  
Francisca Karla Botão Aranha*

Porque a moda feminina excede, cada vez mais, os limites da honestidade cristã, consideramos do nosso dever dirigir um apêlo a consciencia de nossos filhos em N. S. Jesus-Cristo, no sentido de acatarem as determinações da Santa Sé sobre a modéstia no vestir. (Dom Francisco de Assis Pires, 1940, p.1).

Em 4 de outubro de 1940 é publicado na cidade do Crato, localizada no cariri cearense, a carta pastoral intitulada por “Excessos da Moda”, de autoria do Bispo do Crato, dom Francisco de Assis Pires. A carta traz uma crítica às mudanças nas roupas femininas, a postura da Igreja frente às atitudes dessas mulheres, além de descrever o que a Igreja considerava indecente nas roupas femininas. A partir dessa carta buscar-se-á compreender representações sobre a mulher, inseridos no discurso de dom Francisco de Assis Pires, aliado a fatores sócio-históricos. Dessa forma se verificará igualmente a relação entre a Diocese do Crato e as mulheres, a partir de análise categórica de gênero, dentro da perspectiva de processo histórico.

Observa-se que especialmente na segunda metade do século XX, acontecerá um aumento considerável nas produções de gênero, impulsionadas pela ampliação do campo histórico, mais também pela efervescência do movimento de mulheres, do movimento feminista e dos novos lugares sociais ocupados pelas mulheres a partir de então.

Espera-se que esse tipo de produção possa contribuir para a historiografia e para a história da mulher, à medida que se busca não apenas narrar trajetórias, mais relacioná-

-la a aspectos culturais, sociais, políticos, étnicos, religiosos, entre tantos outros, buscando assim ampliar e favorecer a diversidade de análises de gênero, beneficiando a compreensão de pontos comuns e igualmente diversos numa relação de identidade(s) feminina.

A ampliação e imposição de novos papéis sociais femininos, diferentemente de períodos anteriores ao século XX, vinham munidos de intencionalidades de permanência, causando uma modificação nos comportamentos e desejos. Esse fenômeno é por muitos pesquisadores, agregado ao espírito de modernidade, o maior responsável pelas mudanças do universo feminino. Perrot (1991, p.10) ao analisar a relação entre o papel social da mulher e a modernidade diz que “se tornou possível uma posição de sujeito, indivíduo de corpo inteiro e atriz política, futura cidadã”.

A influência da modernidade ligada a aspectos progressistas, especificamente urbanos causou mudanças, mas também reações por aqueles que buscavam preservar o que se convencionou chamar de tradicional, construindo assim, em vários momentos e espaços, pontos de tensão. Acredita-se que a carta aqui apreendida, alicerça-se nesse limiar entre o progresso e reação, entre o moderno e o tradicional, tendo como sujeitos desse enredo a Igreja Católica e as mulheres, e por que não homens, que se posicionaram favoráveis ou avessos às mudanças que ocorriam na cidade do Crato.

A cidade de Crato é conhecida pelos seus vários adjetivos, os mais conhecidos encontram-se, por exemplo, na letra musical “Eu vou pro Crato”, cantada por Luiz Gonzaga que descreve a cidade como “Cratinho de açúcar, Coração do Cariri”.<sup>1</sup> Esses adjetivos remetem a cidade uma imagem de es-

---

<sup>1</sup> Música “Eu vou pro Crato”. LP: Pisa no Pilão (Festa do Milho), gravadora RCA VICTOR, 1963.



paço aprazível e vanguardista, contudo, se percebe também uma intensa aspiração pelo pioneirismo e pela demarcação das singularidades da cidade.

Nessa constituição, evidente em vários momentos da história da região, a Igreja Católica, e posteriormente com mais veemência a Diocese do Crato fundada em outubro de 1914, ocuparam lugar privilegiado. Sobre a atuação da Igreja Católica naquele período se destaca o intuito de concretizar as diretrizes do processo de ultramontanismo ou romanização, o qual expressava um desejo de centralização e disciplinamento, mas também uma reação às mudanças agregadas a modernidade.

Especificamente sobre o Ceará, Vasconcelos Júnior (2006, p.119) afirma ter ocorrido uma “seletividade espacial” já que tinha como preocupação “recatolicizar o povo, através de uma Igreja moldada no modelo romano [...] Esse ponto era importante no Ceará devido à presença mística de Padre Cícero em Juazeiro do Norte.”

Dom Francisco de Assis Pires foi o segundo bispo da Diocese de Crato, tomou posse em janeiro de 1932, tendo seu bispado marcado por ter dado continuidade as ações do seu precursor, dom Quintino, e pelas obras de assistência social. Ainda em 1939, dom Francisco funda a Ação Católica<sup>2</sup> Diocesana que tinha uma grande participação e ressonância entre as mulheres daquela cidade.

Cabe ressaltar que este é o mesmo período em que a cidade começa a ganhar, com mais intensidade, os contornos da imagem de cidade moderna, essencialmente urbana. Mui-

---

<sup>2</sup> A Ação Católica surgiu nos anos 30 do século XX com o objetivo de fortalecer o catolicismo. Dessa forma contava com a participação dos leigos na construção da Igreja. É fundada na “premissa de uma sociedade decaída religiosa e moralmente.” (MONTENEGRO, 1972. p.157).

tas vezes representando os anseios de grupos políticos locais que se revestiam de discursos e ações que faziam alusão à modernidade e ao progresso. Entre esse vivenciar uma sociedade moderna, se destacam alguns elementos como os espaços de sociabilização, de lazer.

Assim, tem-se de um lado parte da população, em especial constituintes da elite, que aspiravam vivenciar mudanças trazidas pelos novos tempos e, por outro lado, a Diocese que via nessas mudanças uma ameaça não apenas a moral e bons costumes, mais ao lugar sociopolítico que esta ocupava. Sobre essa estreita relação, destacando em especial as mulheres, Gama (2006, p.100) afirma que,

[...] É, sobretudo entre as décadas de 40 e 60, que a cidade torna-se palco de acontecimentos que contribuíram para uma efervescência discursiva imbricada de códigos de comportamento e normas de contenção da sexualidade feminina. Crato presencia o ideário de modernidade e com ele os discursos da Igreja que viam esse período como uma ameaça aos bons costumes. O cinema, o carnaval, as músicas, a moda e tantos outros signos de modernidade, despertavam os olhares de uma sociedade ainda conservadora.

Certamente, entre as várias mudanças ocorridas no período, o comportamento feminino, e dentro dele, a forma de vestir, inferiu nas relações em geral. Intui-se que são essas as razões da existência da carta pastoral sobre as vestes femininas, voltada especialmente para mulheres abastadas, já que historicamente essas mulheres são precursoras na absorção, não apenas pelo poder aquisitivo, mas pela própria criação menos rígida que as mulheres de menor poder aquisitivo. Além do mais, a moda em sentido comercial, estava voltada pra pessoas determinadas, de acordo com seus costumes, suas crenças, seu grupo social.



Assim sendo, o modo de vestir, as tendências e as pessoas que a elas aderem, carregam significados e dão aos sujeitos imersos por ela uma dotação de sentidos, em outras palavras, as probabilidades várias do vestir possibilitam aos estudos históricos entender a roupa como um objeto revelador de diferenciação de grupos sociais e suas vivências, entre tantas outras possibilidades, quando se faz a conexão entre a roupa e os indivíduos. Tais conexões se fazem necessárias já que os “[...] modos de vestir, às oscilações da moda, às suas variações conforme os grupos sociais, às demarcações políticas que por sua vez se colam a uma determinada roupa que os indivíduos de certas minorias podem ser obrigados a utilizar em sociedades” são elementos ativos na identificação de diferenças e desigualdades sociais (BARROS, 2010, p.30).

Ao falar de moda, não se pode esquecer o papel e influência europeia, a qual seguia as tendências de mudança do próprio estilo de vida, chegando mesmo a ser elemento de distinção entre as classes sociais em que a “difusão da moda tendia a ser facilitada ou impedida pela identificação da pessoa com sua própria classe ou grupo social. [...] Para as mulheres, as roupas eram, no século XIX, expressões poderosas das hegemonias de gênero” (CREANE, 2006, p.455).

Voltando para o contexto cratense, as aspirações e mudanças decorrentes da modernidade proporcionaram a muitas mulheres uma ampliação no campo social, assim como na forma de se posicionar. Ao analisar a representação sexual feminina em instituições educacionais ligadas a Diocese do Crato na primeira metade do século XX, a historiadora Cícera Gama (2006, p.105) aponta a preocupação, e de certa forma, a intervenção da Diocese do Crato no comportamento feminino quando afirma que foi possível “constatar mediante as fontes disponíveis nessas instituições, a preocupação com a constru-



ção de uma moral feminina, vinculada, sobretudo ao controle da sexualidade”.

O corpo feminino seria nesse travo, o lugar de disputa, o qual poderia ganhar significado de pureza e virtude, ou por outro lado, progressividade e desobediência cristã. Na obra *Vigiar e Punir*, Michael Foucault demonstra os resultados obtidos sobre os corpos dos indivíduos, a partir da utilização de técnicas e poder, as quais ele chama de disciplina. Para o supracitado autor, o corpo,

[...] requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprio a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade que não só é analítica e “celular”, mas também natural e “orgânica”. (1999b, p.132).

Assim, o corpo é visto como um lugar, onde as relações de poder operam sobre ele. Ainda segundo Foucault, com o advento da sociedade moderna, o corpo passou a ser um objeto, fundamental nas relações de poder, em que o poder “produz realidade; produz campos de objetos e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção” (1999b, p.161). A disciplina está diretamente ligada aos corpos dos indivíduos, o poder, quando invisível, possibilita uma permanente vigilância.

Na apresentação da Carta Pastoral “Excessos da Moda”, dom Francisco é enfático ao falar sobre a moda feminina, sendo visível a intenção de disciplinamento sobre o corpo feminino, usando como justificativa o lugar social ocupado pela Igreja, como uma espécie de guardião da moral e dos bons costumes.

Munido de tamanha autoridade, o bispo dirige-se aos responsáveis pela educação das mulheres, os pais e avós sendo, portanto, chamados a supervisionar o comportamento e forma de vestir de suas filhas e netas. Ou seja, dom Francisco canaliza

para os genitores a responsabilidade pela postura das filhas, cobrando assim, a participação nestes na vigilância daquelas. Na sua fala ele adverte que

[...] deem-lhes o bom exemplo, não consistam, nos seus lares, o uso de uma toilette indecorosa e assim estaremos opondo barreiras aos desmandos da paganização dos costumes (Dom Francisco de Assis Pires, 1940, p.2).

Dois termos são recorrentes na carta, “costumes pagânistas” e “modéstia cristã”, o primeiro é associado à moda feminina, como algo destrutivo da sociedade, já o segundo faz alusão às mulheres que seguem os preceitos da Igreja Católica. Dom Francisco descreve os costumes pagânistas na moda feminina como:

A paganização dos costumes se manifesta nas modas femininas. A extravagância das formas, a transparência dos tecidos, o encurtamento dos vestidos, o jogo malicioso das linhas e, não raro, a insuficiência de vestes internas são expedientes ardilosos, forjados pelos inimigos, para rebaixamento do nível moral da personalidade humana. (Dom Francisco de Assis Pires, 1940. p.2).

Historicamente, a Igreja construiu discursos sobre as mulheres fazendo menção a figura feminina de forma dúbia, ora como símbolo de pureza, representada pela adoração a Virgem Maria, ora como sinônimo de tentação e pecado, representado por Eva. Em Santo Agostinho, a mulher, apesar de semelhante ao homem, deve ser submissa a ele, pois a sua existência tem como justificativa ajudar o homem. Além do mais, a mulher é caracterizada pelo desejo, enquanto o homem pela razão. A mulher tem como função social a procriação.

Essa visão sobre a mulher tem como um dos principais pilares, o mito sobre o pecado original. No Gênesis, está a representação sobre a mulher como ser destrutivo, na fábula

do pecado original. Eva aparece desobediente e sedenta pelo poder. Pontua-se que é a mulher que comete o pecado original e que a ela está atrelada a culpa por todos os males da humanidade. Enquanto a Adão, sua desobediência a Deus é justificada pelo poder de sedução de Eva. Como castigo pela desobediência, ao homem é destinado o trabalho pesado e a mulher a função de parir com dor e a obediência ao homem.

Essa submissão da mulher é visível na carta pastoral, especificamente ao falar da modéstia necessária para as mulheres, pois essa característica “faz a felicidade do marido, a alegria dos pais, o orgulho dos irmãos, a honra da família, da sociedade e da religião” (Dom Francisco de Assis Pires, 1940, p.3). Assim constrói-se uma outra imagem da mulher, essa associada a Virgem Maria, fazendo ainda um chamado pró-engajamento das mulheres presentes na Ação Católica, nas instituições educacionais ligadas a Igreja com a seguinte evocação:

Filhas de Maria! Tomai Maria Santíssima como modelo de vossa vida. Porque consagradas à Virgem das virgens, tendes mais forte razão de evitar, no vestir, tudo quando ofenda ao pudor. De nenhum modo podereis cultuar as demais virtudes como a “*virtude da moda*”. [...] Tendes a obrigação de dá o bom exemplo sempre e em toda parte. Ponderem nisso os reverendos diretores das Pias Uniões e associações de todos os graus. (Dom Francisco de Assis Pires, 1940, p.03,04).

O culto a Virgem Maria está associado ao símbolo da pureza. As filhas de Maria deveriam trazer como virtude maior a “modéstia cristã”, a obediência incondicional. Dirigindo-se aos membros da Ação Católica, movimento mencionado anteriormente, o bispo convoca a todos os integrantes a auxiliarem na “luta” pela moralização e para darem o exemplo, salientando a subserviência esperada. “E vós, jovens e senhoras da Ação Católica, mãos a obra á obra que é de Deus. Para longe, bem lon-



ge, o respeito humano. O Santo Padre assim o quer e manda. A obediência incondicional à voz da Igreja é condição essencial no apostolado leigo.” (Dom Francisco de Assis Pires, p.4).

Como dito inicialmente, o período em análise representa aspirações de um mundo essencialmente urbano, a qual criara culturas e espaços muitas vezes alheios aos preceitos da Igreja Católica. A carta aqui em estudo é entendida uma representação da batalha da Igreja em frear, ou quem sabe, disciplinar as pessoas imersas nessa nova realidade social que se desenhava. A postura da mulher nesse novo contexto apresenta-se como um fronte, percebível nos vários comunicados do papa Pio XI. Dom Francisco transcreve algumas instruções da Sagrada Congregação do Concílio, datada de 12 de janeiro de 1930, dividida em doze pontos instruindo os párocos, pais, e professoras a combater os excessos da moda.

1) Os párocos em primeiro lugar e o pregadores, oferecendo-se ocasião, segundo a doutrina do Apóstolo Paulo (II TIM, IV, 2) listem, preguem, peçam, repreendam para acabar com os abusos, afim de que o trajar feminino seja conforme a modéstia, e como um ornato e defesa da virtude, e advirtam os pais para não consentir que suas filhas vistam indecentemente

2. Os pais, lembrando-se da obrigação gravíssima que têm de dar a sua prole, educação moral e religiosa, empreguem especial diligencia para que suas filhas, desde a mais tenra idade, instruam solidamente na doutrina cristã, e, com suas palavras e exemplo, cultivem nelas, com empenho, o amor das virtudes da modéstia e da caridade. (Dom Francisco de Assis Pires, 1940, p.5).

Percebe-se que são cobradas atitudes disciplinares por parte dos clérigos no combate ao “abuso” das mulheres que ousavam contrariar as regras preestabelecidas. As vestes femininas tinham que ser condizentes com a postura esperada



de uma filha da Virgem Maria, ou seja, uma insígnia virtuosa. Não obstante é o papel dos pais, na educação das filhas, principalmente a “moral e religiosa”, aos quais caberiam não apenas dar o exemplo, mas também incutir os princípios da moral cristã, não permitindo nunca, que suas filhas fizessem uso de roupas imodestas.

Essa, ainda segundo as orientações da Sagrada Congregação, deve ser também uma tarefa das religiosas e professoras de instituições católicas. As quais são orientadas a “infundir, no espirito das meninas, o amor da modéstia, de modo que as movam eficazmente a vestir honnestamente” (Dom Francisco de Assis Pires, 1940, p.5). São instruídas a não receberem alunas com roupas indecentes e, as que por ventura, depois de admitidas passassem a fazer uso, deveriam sem expulsas.

O documento traz tática de agregação e punição com a finalidade de refrear as ações femininas, especificamente quando diz,

7. Fundem-se e promovam-se associações piedosas femininas, cujo fim seja coibir, pelo conselho, exemplo e ação, os abusos de trajar ofendendo a modestia cristã, e promover a pureza dos costumes e honestidade ao vestir.

8. Em quaisquer associações de mulheres não se admitam as que usam vestidos deshonestos as que porem ja admitidas transgredirem esta regra, se depois de avisadas não se emendarem, sejam expulsas. (Dom Francisco de Assis Pires, 1940, p.6).

Por fim, Dom Francisco reafirma a validade de uma circular de sua Diocese de 18 de janeiro de 1937, que tem como base um documento papal de 1932. Demonstrando assim a recorrência com que a temática fora debatida pela Igreja Católica. Tal circular descreve o que a Igreja considera imodesto no



vestir feminino além de apontar as restrições que as mulheres mal trajadas deveriam ser cometidas.

#### ASSENHORASTRAJANDO VESTES INCONVENIENTES

1<sup>o</sup>) Nenhum sacerdote poderá administrar os santos sacramentos da Igreja;

2<sup>o</sup>) Nem aceitar como madrinhas; ou testemunhas nestes sacramentos;

3<sup>o</sup>) Nem admiti-las nas sessões das associações piadas suas respectivas Igrejas;

#### VESTES INCONVENIENTES OU IMODESTAS

1<sup>o</sup>) São os vestidos levemente transparentes;

2<sup>o</sup>) Escandalosamente curtos, isto é, que não desçam abaixo dos joelhos;

3<sup>o</sup>) Excessivamente decotados;

4<sup>o</sup>) Demasiadamente ajustados ao corpo;

5<sup>o</sup>) De mangas que não cheguem à altura dos cotovelos;

#### O USO DE VESTES IMODESTAS

é rigorosamente proibido a toda mulher cristã verdadeiramente digna deste nome em qualquer tempo e lugar, na Igreja ou fóra dela, nas festas religiosas e nos divertimentos profanos (Dom Francisco de Assis Pires, 1940. p. 7).

No trecho acima destacado ficam nítidas as punições para as mulheres que ousassem transpor as orientações católicas, estando proibidas de tal leviandade nos espaços da Igreja, mas também nos “divertimentos profanos”. Intui-se que profanos eram os espaços urbanos como cinema, bailes, festas, entre outros. Percebendo a preocupação em esconder o corpo feminino quando é descrito o que a Igreja considerava vestes inconvenientes ou imodestas.

### Considerações Finais

Dom Francisco conclui sua carta, orientando aos párocos que a leiam na missa paroquial, ou seja, a dúbia noção de mulher, por vezes alocada na imagem de Eva e outra na ima-

gem da Virgem Maria, as influências modernas sobre a moral cristã e a representação na moda feminina deveriam ser pauta nos sermões daquela região, demonstrando assim as táticas e estratégias da Diocese do Crato em conter tais influências.

Nesse ensaio buscou-se entender a carta “Excessos da Moda”, dentro do contexto sócio-histórico, despontando que, para além de algumas normatizações internas da Diocese do Crato, ela representa uma ação política da Igreja Católica frente à modernidade. Localizou-se elementos que iam além da moda feminina, em sentido restrito.

Especificamente no Brasil, as primeiras décadas do século XX, representam os primeiros passos para industrialização. Nesse processo, a mulher paulatinamente ganhara espaço no mundo do trabalho, mas também nos espaços de socialização, ganhando força principalmente pela influência do movimento feminista norte-americano e europeu, sobretudo o francês. Para a Igreja, esse era também uma ameaça às diretrizes católicas, portanto buscou centralizar as ações femininas em que, as mulheres que infringiam as regras, eram duramente punidas, quando não banidas de determinados espaços.

### Fonte Consultada

Carta Pastoral “EXCESSOS DA MODA”, de Dom Francisco de Assis Pires. Crato-CE, 1940.

### Referências Bibliográficas

BARROS, José D’Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999b.



FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente*. São Paulo: EBRADIL, 1991.

GAMA, Cícera Antonia Cordeiro Brito. Flores de Lisieux: a construção da sexualidade feminina nas instituições educacionais da cidade do Crato, entre as décadas de 40 e 60 do século XX. In: MARQUES, Roberto. *Os limites do gênero, estudos transdisciplinares*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2006.

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *Evolução do catolicismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. A territorialidade das ações institucionais da Igreja Católica no Ceará. In: VASCONCELOS, José Gerardo. *História da Educação no Nordeste Brasileiro*. Fortaleza: edições UFC, 2006.

